

Corpos e(m) *fake news*: memória, paráfrase, efeitos de sentido

Cuerpos y/en *fake news*: memoria, paráfrasis, efectos de sentido

Bodies and/in fake news: memory, paraphrase, effects of meaning

Gustavo Haiden de Lacerda¹, Luciana Cristina Ferreira Dias Di Raimo²

RESUMO: Posicionando-nos dentro do campo da Análise de Discurso de tradição francesa, nosso objetivo é o de compreender como o corpo significa (em) uma notícia falsa. Para tanto, recorreremos ao exercício parafrástico na relação com o efeito metafórico como procedimento analítico que relaciona materialidade, discurso e memória, para, assim, interpretar as regularidades das imagens, remetendo o intradiscurso ao interdiscurso que o constitui. Concluímos que, ao fazer comparecer na formulação visual os corpos de celebridades, as *fake news* recuperam imaginários de oposição completa e excludente, em que o elo entre o mesmo e o diferente é rejeitado, ao mesmo tempo em que, contraditoriamente, continua realizando sentidos, sendo que o efeito de sentido predominante é o de difamação.

PALAVRAS-CHAVE: Imagem. *Fake news*. Corpo. Paráfrase.

RESUMEN: Posicionados en el campo del Análisis del Discurso de tradición francesa, nuestro objetivo es comprender cómo el cuerpo significa (en) una noticia falsa. Para ello, utilizamos el ejercicio parafrástico como un dispositivo analítico que relaciona la materialidad, el discurso y la memoria, para interpretar las regularidades de las imágenes, refiriendo el intradiscurso al interdiscurso que lo constituye. Concluimos que, al hacer aparecer en la formulación visual los cuerpos de celebridades, las *fake news* recuperan imaginarios de oposición completa y excluyente, en que el eslabón entre lo mismo y lo diferente es rechazado, al mismo tiempo que, contraditoriamente, continúa realizando sentidos, de manera que el efecto de sentido predominante es el de difamación.

¹ Graduando em Letras - Português-Inglês pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) e bolsista de iniciação científica (CNPq). E-mail: gustavo.haiden@gmail.com.

² Doutora em Linguística Aplicada pela Unicamp e professora do Departamento de Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Maringá (UEM). E-mail: diaslucian@yahoo.com.

PALABRAS CLAVE: Imagen. *Fake news*. Cuerpo. Paráfrasis.

ABSTRACT: Positioned in the field of the French Discourse Analysis, our objective is to comprehend how the body signifies (in) a piece of *fake news*. Therefore, we betake the paraphrastic exercise as an analytical device, which links materiality, discourse and memory, so that we can interpret the regularities of the images, directing the intradiscourse to the interdiscourse that constitutes it. We conclude that, by calling on the visual formulation of the celebrities' bodies, *fake news* retrieve imaginaries of complete and excluding opposition, in which the bond between what is the same and what is different is rejected, at the same time it, contradictorily, keeps effecting meanings, in which the predominant meaning is defamation.

KEYWORDS: Image. *Fake news*. Body. Paraphrase.

Introdução

Fake news, a expressão naturalizada em inglês para nos referirmos a notícias falsas, é o tema deste artigo. Recortamos para este texto notícias falsas produzidas no contexto eleitoral brasileiro de 2018, envolvendo personalidades da mídia. Avançando em nossos estudos a respeito das notícias falsas, ensejamos, aqui, refletir sobre uma maneira específica de as *fake news* repercutirem, seja pela viralização, seja pelo compartilhamento em meio à circulação em rede, considerando conjuntamente uma relação com o corpo das celebridades, e em que medida esse mesmo corpo afeta/é afetado pelas notícias falsas, particularmente por efeitos de sentido de *difamação*.

As *fake news*, que abundam pelas redes sociais virtuais, vêm impondo à pesquisa científica novas formas de reflexão sobre o papel da informação em nossa sociedade, assim como vêm trazendo à tona extremos políticos cada vez mais acirrados. Este texto trata disso pelo viés da Análise de Discurso, dando enfoque aos modos com que o corpo, enquanto elemento significativo, significa nessas supostas notícias.

Ancorando-nos nos pressupostos teóricos e nos dispositivos analíticos oriundos da Análise de Discurso (doravante AD), posicionamo-nos na esteira do trabalho de Pêcheux (1990, 1995) e de Orlandi (1999, 2001). A AD oferece-nos as condições necessárias para compreendermos um social conflituoso,

contraditório, constituído por práticas de discurso (históricas e simbólicas) determinadas pela Ideologia e afetadas pelo Inconsciente.

Para esta discussão, construímos um *corpus* de análise a partir de três notícias falsas que circularam pela internet em torno do evento de eleições presidenciais no Brasil, em que comparecem as imagens das cantoras Sandy, Anitta e Pabllo Vittar. No intuito de sermos consequentes com uma prática de análise discursiva materialista, investimos em *remissões parafrásticas*, como postulado por Lagazzi (2010, 2015), como forma de romper com a unidade imaginária do texto, deslinearizando as imagens recortadas, a fim de relacioná-las pelo discurso.

Propomos um gesto que explore/extrapole os imaginários sobre os corpos (nesse caso, de mulheres), levando-nos a um entendimento de como o corpo significa as *fake news*, significando nelas. Considerando o papel da ideologia no processo de significação, objetivamos refletir a respeito do que, na materialidade mesma dessas notícias falsas, impõe-se como efeito de sentido sobre os sujeitos individualizados em seus corpos, efeitos que variam conforme as posições assumidas.

Análise do Discurso: Breves Considerações Teóricas

Nesta seção, trazemos alguns conceitos centrais em AD que são base e pressuposto para as análises desenvolvidas, especificamente as noções de discurso, sujeito e ideologia. Na definição já conhecida, mas sempre oportuna, de Pêcheux (1995) para discurso, temos que o discurso é *efeito de sentido entre interlocutores*. Neste enunciado, notamos um olhar preciso do autor sobre os processos discursivos, vinculando “sujeito” e “sentido” em *efeito*, isto é, em uma relação ideologicamente constituída, determinante de diferentes efeitos de sentido.

Orlandi (2001, p. 78) avança nesse caminho de compreensão do discurso ao relacionar língua e história, postulando que o discurso é o “lugar de observação dos efeitos da inscrição da língua sujeita a equívoco na história”. Para

nós, a formulação contrária também é válida, ou seja, o discurso é também a inscrição da história na língua, encaminhando-nos à conclusão de que os sentidos têm historicidade, que não é exterior à produção do discurso, mas constitutiva. Os sentidos têm história. O que desde o início deve remeter ao fato de que, para a AD, os sentidos são produzidos na contradição entre formações discursivas heterogêneas, que remetem sempre a outras, ao seu próprio limite e fronteiras – fluidas e conflituosas.

Juntas, essas duas definições para *discurso* trazem para a superfície o papel do sujeito e da história dentro do quadro epistemológico da AD. Conforme Pêcheux (1995), não há discurso sem sujeito, nem sujeito sem ideologia, uma vez que é a ideologia que interpela o indivíduo em sujeito. O sujeito discursivo, portanto, não é equivalente a uma “pessoa” ou a um “indivíduo”; ele é da ordem do discurso, sujeito de linguagem. Sujeito na e à história. Nas palavras de Orlandi (1999), o sujeito é uma *posição* assumida no discurso, assujeitado a uma formação discursiva que o domina. Inscrevendo-se em uma formação discursiva e não outra, o sujeito determina sentidos e é determinado por eles. Eis sua contradição: determinador e determinado.

A forma-sujeito histórica que corresponde à da sociedade atual representa bem a contradição: é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso. Ele é capaz de uma liberdade sem limites e uma submissão sem falhas: pode tudo dizer, contanto que se submeta à língua para sabê-la. Essa é a base do que chamamos assujeitamento (ORLANDI, 1999, p. 50).

Ainda mais uma vez, percebe-se a importância de se pensar esse processo como localizado em condições históricas determinadas. Em diferentes circunstâncias, a partir de distintas mobilizações da memória, o sentido significa diferentemente. Segundo Orlandi (2007), o sentido não está alocado, mas se constitui juntamente com a posição do sujeito. Desta forma, ao afirmarmos que sujeito e sentido se constituem mutuamente, filiamo-nos a uma concepção de sujeito discursivo e não empírico e a uma compreensão do sentido enquanto materialidade histórica.

Entretanto, ao sujeito, segue apagado o caráter material do sentido, além de seu (do sujeito) assujeitamento à formação discursiva que o domina, surgindo os “esquecimentos” de que nos fala Pêcheux (1995): o esquecimento nº 1, a ilusão subjetiva, pela qual o sujeito entende-se como fonte de seu dizer, e o esquecimento nº 2, a ilusão enunciativa, em que o sujeito acredita que escolhe livremente uma formulação, “esquecendo-se” de que para dizer algo é preciso deixar de dizer outra coisa, resultando na ilusão de um sentido único. Esses apagamentos são trabalho da ideologia, não entendida como mera ocultação, mas como parte necessária do funcionamento do processo de produção dos sentidos e dos sujeitos, isto é, do discurso: a ideologia “fornece ‘a cada sujeito’ sua ‘realidade’, enquanto sistema de evidências e de significações percebidas-aceitas-experimentadas” (PÊCHEUX, 1995, p. 162). Tanto é assim que Orlandi (2001) afirmará que a língua é a materialidade do discurso e que este é a materialidade específica da ideologia.

Em vista das análises que desenvolvemos, acrescentamos a distinção teórica proposta por Orlandi (2001) entre organização (do texto) e ordem (do discurso). Consoante a autora, a AD deve reservar a *ordem* à linguagem em funcionamento, quando se fazem presentes a materialidade da língua atravessada pela materialidade da história, já na ordem do discurso. Portanto, a ordem do discurso, seu real, é o *equivoco*, inscrição da língua (sujeita à falha) na história. A *organização*, por sua vez, é imaginária, está ligada às regras e às sistematicidades e incide sobre a textualidade, imprimindo nela a ideia de uma *unidade* (texto com começo, meio e fim, sem contradição, coeso e coerente), na qual a falha é excluída.

A organização do texto enquanto unidade é reflexo indireto da ordem do discurso, não sendo possível se passar diretamente de um para o outro. É só a teoria que permite, a partir de indícios sobre a ordem do discurso, detectar a configuração da organização das unidades do texto que são significativas em relação a essa ordem. Trata-se da relação do real do discurso com seu imaginário e que a textualidade representa (ORLANDI, 2001, p. 66).

Com isso, é possível separarmos o objeto teórico da AD – o discurso – do objeto analítico – o texto – sendo este uma forma de acesso (indireto) àquele. Essa constatação está de acordo com o que Orlandi (2001) postula: o discurso se materializa na língua, de forma que o texto é o lugar de observação do discurso, como um trajeto material para a análise dos processos discursivos. Nossa análise é de *discurso*, e não de *texto*; entretanto, o texto é a unidade imaginária que dá corpo aos sentidos. Como tencionamos mostrar, na leitura de *fake news*, não interessa tomar as notícias falsas enquanto textos fechados (unidades isoladas), mas remetê-las umas às outras, em um complexo processo discursivo.

Sem nos alongarmos em explicações, mas pela necessidade de manter em mente as condições de produção das *fake news* (já exploradas em outros trabalhos), contentamo-nos em comentar brevemente sobre a discursividade digital, propulsora da produção de *fake news*. Trazendo à baila as reflexões de Dias (2018) sobre a análise do discurso digital, compreendemos que as novas tecnologias digitais, enquanto parte das condições não só técnicas como também históricas e ideológicas da produção dos discursos, afetam de forma determinante os modos com que nos relacionamos com os sentidos.

Em sua percepção do funcionamento da discursividade digital, Dias (2018, p. 61) explica que, ao analista que se propôs a trabalhar com materialidades digitais, “interessa compreender, por um lado, a relação entre a ordem da tecnologia, sua materialidade discursiva, que tem a ver com a historicidade, e, por outro lado, a organização da tecnologia”. Nas condições de produção do discurso digital, a circulação merece destaque, porque é ela que “sustenta a formulação dos dizeres no digital” e retorna sobre a constituição dos sentidos, sua memória, em virtude de os modos de dizer estarem estreitamente amarrados ao “aqui e agora da própria circulação que, no digital, não se separa da circunstância da enunciação” (DIAS, 2018, p. 34). Tendo em vista que as *fake news* são produzidas e circulam no espaço digital (mas não só nele), nossas análises retornam sobre as formas de significar abaladas pela ordem digital.

Antes de descrever o dispositivo analítico construído para as análises, reforçamos que, em se tratando de notícias falsas, para a AD, a(s) linguagem(ns), mais precisamente as *práticas discursivas* (linguagem em funcionamento na história), não são indiferentes ao mundo que nos cerca. Esse “mundo”, ao contrário, é afetado pelo discurso, e os objetos de conhecimento se delineiam a partir dos modos com que os damos a conhecer. Há, dessa forma, “tipos de objeto, cujo modo de existência parece regido pela própria maneira com que falamos deles” (PÊCHEUX, 1990, p. 28), o que não é supor que “tudo é discurso”, até porque, como lembra Pêcheux (1990, p. 29), o *real* existe “determinando aquilo que não pode não ser ‘assim’”, de modo que, ainda que as notícias falsas busquem um efeito de verdade (realidade) pela linguagem, o real (necessário) continua escapando a qualquer simbolização. Essa margem-limite não pode ser perdida de vista ao analisarmos *fake news*.

Imagens em paráfrase: corpo e memória

Afunilando, neste momento, nosso *dispositivo analítico*, procuramos aprofundar alguns pontos importantes para a análise do *corpus* construído por nós. O material foi elaborado a partir de três *fake news* circulantes pela internet no período eleitoral brasileiro, na segunda metade de 2018. Tais notícias falsas se materializam a partir de imagens ladeadas e/ou atravessadas por formulações verbais, donde a compreensão de que se tratam de *composições materiais*. Como proposto por Lagazzi (2008), uma composição material é a imbricação de diferentes materialidades significantes (palavra, imagem, som, gesto etc.) em uma relação não de soma, mas de tensão e de contradição, na impossibilidade de síntese. Nos termos da pesquisadora, a composição material se distingue de complementaridade, uma vez que temos

[...] materialidades que se relacionam pela contradição, cada uma fazendo trabalhar a incompletude na outra. Ou seja, a imbricação material se dá pela incompletude constitutiva da linguagem, em suas diferentes formas materiais, em composição contraditória. Uma materialidade remete a outra, movimento no qual a não saturação e o

desajuste constitutivo do encontro de especificidades materiais distintas permite o jogo da interpretação (LAGAZZI, 2008, p. 2).

Em vista disso, a AD se mostra um campo teórico-analítico produtivo porque dá ancoragem à compreensão do discurso a partir do imbricamento entre diferentes *materialidades significantes*. Como explicadas por Lagazzi (2010, p. 173), as materialidades significantes são “o modo significante pelo qual o sentido se formula”. Isso produz uma movimentação na própria compreensão de discurso, agora não somente a inscrição da língua na história (ORLANDI, 2001), mas a inscrição de materialidades significantes em um processo histórico-simbólico (LAGAZZI, 2010). A materialidade enquanto o modo com que as relações de poder se materializam, “relações significativas entre elementos significantes” (LAGAZZI, 2008, p. 1).

Como exposto mais adiante, as três notícias falsas em análise trazem para a cena imagens dos *corpos* de algumas celebridades brasileiras. Por isso, buscamos aqui tecer alguns comentários sobre o funcionamento do corpo, entendendo-o também enquanto *materialidade significante*. Afirmar que o corpo é uma materialidade significante consiste em tomá-lo em sua *forma material*, nem abstrata nem empírica. Segundo a proposta de Orlandi (2001), a formulação, instância da significação em que os sentidos adquirem *corpo*, é o momento de emergência da forma material. Para a autora, a forma material é estudada em AD como o “acontecimento do significante em um sujeito afetado pelo real da história. Acontecimento que se realiza na/pela eficácia da ideologia” (ORLANDI, 1999, p. 96).

[...] conjugando a língua com a história na produção de sentidos, esses estudos do discurso trabalham o que vai-se chamar a forma material (não abstrata como a da Linguística) que é a forma encarnada na história para produzir sentidos: esta forma é portanto lingüístico-histórica. (ORLANDI, 1999, p. 19).

Estamos em acordo com Ferreira (2013), defendendo a noção de corpo como materialidade discursiva, pelo fato de o corpo, enquanto forma material, pôr em contato o simbólico e o histórico. Corpo-material significa um corpo

tomado além de sua transparência, visto que está atravessado por uma historicidade que lhe confere, ao mesmo tempo, espessura e divisão, desfazendo sua unidade imaginária. Um corpo *não-todo*; corpos em relação. Conforme a autora,

Para a análise do discurso o corpo surge estreitamente relacionado a novas formas de assujeitamento e, portanto, associado à noção de ideologia. Mais do que objeto teórico o corpo comparece como dispositivo de visualização, como modo de ver o sujeito, suas circunstâncias, sua historicidade e a cultura que o constituem. Trata-se do corpo que olha e que se expõe ao olhar do outro. O corpo intangível e o corpo que se deixa manipular. O corpo como lugar do visível e do invisível. (FERREIRA, 2013, p. 78).

Orlandi (2001, p. 205, grifo nosso) também esclarece que as diferentes materialidades “determinam diferentes relações com/de sentidos. Escrito, ou oral, letra ou sinal, superfície plana ou multidimensional, parede, papel, faixa, letreiro, painel, *corpo*. Textura, tamanho [...] tudo significa nas formas de textualização”. Donde concluímos que o corpo, entre as diversas maneiras de o sentido se formular, entre múltiplos movimentos de inscrição na história, é também materialidade significativa. Como veremos nas análises, o corpo das celebridades é convocado para a formulação das *fake news* como elemento significativo, ou seja, como uma forma de produzir relações de sentido.

Esse indício da historicidade funcionando no corpo nos interessa aqui particularmente, pois coloca o corpo no campo do interdiscursivo, na relação com discursos anteriores e possíveis. Nuclear para o quadro teórico da AD, o conceito de interdiscurso é definido por Pêcheux (1995, p. 162) como “algo [que] fala (*ça parle*) sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’”. Os sentidos nos escapam em redes de memória. Eles *são* da/na história. Nessa perspectiva, o interdiscurso, nos lembra Orlandi (1999), é a instância da constituição dos sentidos, pela qual “os sentidos (e eu diria a ideologia) não se aprende, constitui-se por filiação a redes de memória”, acrescentando que

[...] o interdiscurso é o conjunto de dizeres já ditos e esquecidos que determinam o que dizemos, sustentando a possibilidade mesma do dizer. Para que nossas palavras tenham sentido é preciso que já tenham

sentido. Esse efeito é produzido pela relação com o interdiscurso, a memória discursiva. (ORLANDI, 2001, p. 59).

No interdiscurso, o esquecimento é estruturante, porque é pelo apagamento das filiações discursivas, pelo trabalho da ideologia, que nos tornamos sujeitos de/a nosso discurso. É como afirma Orlandi (1999, p. 34): “o interdiscurso é da ordem da memória do saber discursivo, memória afetada pelo esquecimento, ao longo do dizer”.

[...] o interdiscurso significa justamente a relação do discurso com uma multiplicidade de discursos, ou seja, ele é um conjunto não discernível, não representável de discursos que sustentam a possibilidade mesma do dizer, sua memória. Representa assim a alteridade por excelência (o Outro), a historicidade. (ORLANDI, 1999, p. 80).

Seguindo com a descrição dos procedimentos de análise, articulando o interdiscurso, a construção do *corpus* foi guiada justamente pelo reconhecimento de *regularidades na composição* das notícias falsas, mais precisamente pelo imbricamento entre texto visual e texto verbal, sendo que aquele retratava o corpo de uma pessoa pública famosa no Brasil. Esse processo de seguir as regularidades do discurso é consequente com o que AD postula como *processo parafrástico*. O conceito de paráfrase para este nosso trabalho foi central, porque é a paráfrase, pela remissão de um discurso a outro, através de algumas regularidades, que dará a ver a constituição interdiscursiva no intradiscursivo. O exercício parafrástico, colocando-se em contato escorregadio com a memória discursiva, é capaz de remeter o dizer a uma filiação de dizeres e de “identificá-lo em sua historicidade, em sua significância, mostrando seus compromissos políticos e ideológicos” (ORLANDI, 1999, p. 32). Assim, daremos consequência a uma análise discursiva que se baseia em um “retorno contínuo do objeto de análise para a teoria [...] [em que] o analista tece as intrincadas relações do discurso, da língua, do sujeito, dos sentidos, articulando ideologia e inconsciente” (ORLANDI, 1999, p. 80).

As remissões parafrásticas vão explorar precisamente o *efeito metafórico*, força matriz na produção dos sentidos (PÊCHEUX, 1995). Derivado do conceito

de metáfora em Lacan, o efeito metafórico, como desenvolve Pêcheux (1995), diz respeito ao movimento semântico – nunca equivalente – produzido por uma substituição contextual, referindo-se a um deslizamento de sentido entre um termo x e y que é constitutivo do “sentido” designado por cada um deles. Ou seja, a metáfora aponta para uma falta que compõe o dizer. Em outras palavras, segundo Orlandi (1999, p. 80), “o efeito metafórico, o deslize – próprio da ordem do simbólico – é lugar da interpretação, da ideologia, da historicidade. Essa é a relação entre a língua e o discurso”, a língua entendida como sistema relativamente autônomo passível de jogo (PÊCHEUX, 1995).

Portanto, o efeito metafórico, atualizado pela paráfrase (a repetição), faz eclodir a polissemia (a mudança, o novo). Se, até certo ponto, os sentidos se repetem e se fixam, a partir de outro ponto, pelo funcionamento da mesma repetição, no movimento da história, o sentido pode deslocar-se. Com efeito, a polissemia atesta a incompletude, a abertura do discurso: por estar exposto ao equívoco, todo enunciado pode “tornar-se outro” (metáfora), passando a significar na/pela diferença.

Em suma, em nossa leitura, a paráfrase é um desafio à estabilidade da interpretação (da ordem da ideologia) e à organização (imaginária) do texto. É um trabalho da língua sobre ela mesma, nos desvãos de sua própria historicidade, pela insistência da memória discursiva. A paráfrase atinge os limites da formulação, lá onde o sentido é rarefeito, para então romper-se em outros sentidos: polissemia. Em outras palavras, a paráfrase passa pela *organização* do texto, mas sempre-já almeja à *ordem* do discurso. Vamos, enfim, às análises.

Analisando *fake news*: entre a paráfrase e o deslocamento

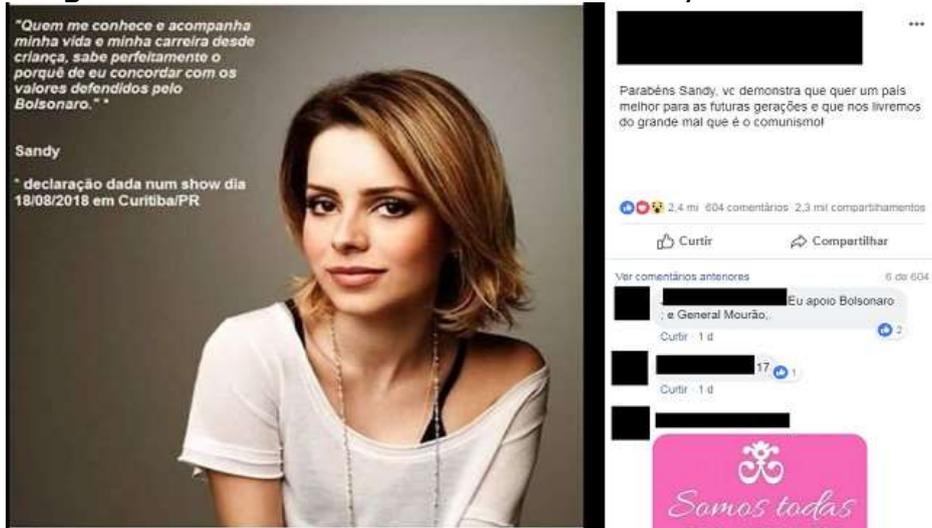
Como expomos em outro trabalho, as *fake news* simulam os modos de enunciar da imprensa, como forma tanto imitar “a textualidade da imprensa, no intuito de *fingir* uma posição jornalística”, quanto por um efeito inconsciente da memória do jornalismo sobre a prática discursiva de narrar uma notícia. (LACERDA; DI RAIMO, 2019, p. 140). As notícias falsas, agora precisamente

aquelas sobre política, aproximam-se do jornalismo também por retirar da discussão política o *político*, evidenciando o lado *pessoal* do debate. Isso vai ao encontro do que afirma Mariani (1996, p. 212, grifo nosso), quando diz: “[o] discurso jornalístico não discute o dizer do sujeito na posição enunciativa vinculada à FDC [Formação Discursiva Comunista] porque *reduz a dimensão do político à dimensão do pessoal*”. Repetimos, enfatizando o grifo: nas *fake news*, o político é reduzido a uma dimensão pessoalizada.

É o que notamos nas notícias falsas abaixo. Como nossas buscas por notícias falsas aconteceram no segundo semestre de 2018, foi inevitável cruzarmos com *fake news* que ligassem essas personalidades às eleições presidenciais brasileiras do mesmo período. O que a remissão parafrástica ofereceu condições de observarmos foi que havia um funcionamento específico da relação entre o corpo/imagem da celebridade com uma suposta “fala” da mesma e um decorrente posicionamento em torno das eleições do mesmo ano.

Para começar, observando a figura 1, vemos uma fotografia relativamente antiga da cantora Sandy, famosa no Brasil tanto por ser filha de um dos integrantes de uma conhecida dupla sertaneja, quanto por cantar junto com o irmão, Júnior, durante muitos anos na infância e na adolescência. Desde o início, convoca-se uma imagem da cantora como representante de uma família brasileira importante (tracional, “raiz”). Essa imagem – no sentido de *interdiscurso* (LAGAZZI, 2015) – a respeito de Sandy é também aquela da menina-cantora, inocente, de atitudes puras, representando certos “valores” que construiriam uma imagem positiva do eleitorado de Jair Bolsonaro (à época, candidato à presidência do Brasil) e, conseqüentemente, dele mesmo. A própria cantora já havia protagonizado notícias falsas a respeito de virgindade, pureza etc., sentidos que são retomados aqui ao fazer referência à infância (“minha carreira desde criança”).

Figura 1 - Notícia falsa sobre a cantora Sandy



Fonte: Helen Bizerra (2018).

Entra em cena a significação do corpo da celebridade, centrando no rosto público, conhecido. O corpo é investido de significado, como forma de produzir um efeito de intimidade e conexão, gerando um efeito de aproximação com o público leitor e apelando para um conhecimento supostamente disponível: "quem me conhece sabe". O rosto sem muita maquiagem, os tons neutros da roupa, a expressão facial serena... são vestígios de uma certa leitura que se faz de Sandy, leitura esta que se alia aos efeitos de sentido da suposta notícia. Além disso, a presença do corpo, na maneira como é apresentado, produz um efeito de *encenação*, aos modos do fotojornalismo, como se fosse Sandy falando. Percebemos que, em se tratando do boato digital, não é o mero "diz-se-que" não asseverado, mas as *fake news* demandando alguém que diga algo explicitamente, como na notícia jornalística.

Essa encenação é reforçada pelo emprego das aspas como em citação, que viriam assegurar que as palavras apresentadas "saíram da boca" de Sandy, remetendo novamente aos modos de dizer da imprensa, que, comumente, recorre ao discurso direto marcado. Estamos diante de um corpo atravessado por *memória*, que instaura certos sentidos sobre o que Sandy significa. Seu rosto sorrindo timidamente, seu olhar sereno são traços (feições) de uma memória ligada ao pudor, ao recato e à honestidade.

Nessa mesma direção, são indicados o dia e o local da suposta apresentação da cantora em que a mesma teria feito a declaração (que foi desmentida por sua assessoria, que publicou uma nota comentando que naquele ano, 2018, a cantora nem se quer havia feito show em Curitiba), fato que visa produzir *legitimidade*, asseverando palavras nunca formuladas por Sandy, tornando “óbvio” o que na verdade nem é verídico. Retornando a Orlandi (1999), tomamos os efeitos de obviedade como resultado do encobrimento ideológico do discurso que é (re)produzido em sua evidência, como parte do funcionamento da própria ideologia atuando sobre as formações discursivas. Sob a ideia de um sentido sempre-já-lá, a ideologia “faz ver como transparente aquilo que se constitui pela remissão a um conjunto de formações discursivas que funcionam com uma dominante. As palavras recebem seus sentidos de formações discursivas em suas relações”, relações heterogêneas, diga-se de passagem. (ORLANDI, 1999, p. 46).

Nesse caso, estamos dando consequência ao que Lagazzi (2015) define como “imbricação material”. Segundo a autora, não se trata de complementaridade, ou seja, não teríamos materialidades significantes que se complementam, mas sim materialidades em *composição*, que se entrelaçam na contradição, cada uma fazendo trabalhar a incompletude na outra. Vale ressaltar que a imbricação entre a imagem da cantora Sandy e o enunciado posto entre aspas (discurso de), justamente, se dá pela incompletude constitutiva da linguagem. Temos, nesse caso, *a materialidade verbal* da declaração – o que é dito – e a “simulação” da assinatura da cantora em (des)arranjo com *a formulação visual* do corpo da artista. Deparamo-nos com uma declaração que se pretende clara, objetiva e quando observamos a imagem da cantora, tomada em sua opacidade, outros sentidos podem ser reclamados. Que sentidos podem ser atribuídos para sua posição corporal, que olhar é esse que interroga o leitor?

É importante atentar ao funcionamento da *circulação* da notícia falsa em questão (DIAS, 2018). Ao lado da imagem da cantora, notamos o comentário que circulou na postagem junto com a imagem, parabenizando Sandy pelo posicionamento assumido. Mais de duas mil pessoas reagiram positivamente à

notícia falsa, crendo nos sentidos ali encenados, identificando-se com eles. Também mais de duas mil pessoas compartilharam o texto, re-distribuíram desinformação. E é ali que a filiação de sentidos se dá a ver e os “valores” sugeridos ganham corpo: são dados os “parabéns” ao posicionamento (falsificado) da cantora em prol das “futuras gerações” que seriam poupadas do “grande mal”, aqui tornado equivalente a “comunismo”.

O processo de significar das *fake news* é o da dispersão, do apagamento da questão política para a emergência da polemização pessoal. A própria concepção de “comunismo” não toca a discussão política; ele é simplesmente o “grande mal”. Isso ressoa em Mariani (1996), que analisou a maneira com que o comunismo foi discursivizado pela imprensa entre as décadas de 1920 a 1980, e encontrou que o “comunismo” foi significado pelo discurso jornalístico como ponto de antagonismo em relação às diferentes formações discursivas, a partir da qual, para a dita “Formação Discursiva Brasileira” (FDB) o referente para “comunismo” é o “mal que não pode acontecer no Brasil”. Muitos anos depois, e esses sentidos seguem repercutindo seus efeitos...

Trata-se, assim, de um núcleo de sínteses do 'mal estar' da civilização brasileira. No discurso jornalístico de referência, a valorização negativa sinaliza a alteridade necessária para a reafirmação do Mesmo: o comunista é o sentido impossível da FDB, é o Outro que não pode acontecer no Brasil (MARIANI, 1996, p. 181).

Semelhante ao que acontece na notícia falsa sobre Sandy, na figura 2, notamos o investimento no corpo de Anitta, na fotografia que constitui a notícia falsa (fig. 2), mas *significando por outras relações*, por outras filiações interdiscursivas. Agora, a posição é justamente contrária à anterior: a imagem construída é a da mulher sensual(izada), polêmica, “impura”, funkeira; sentidos rejeitados pela formação discursiva conservadora, quando na verdade contraditoriamente retomados (afirmados) por ela. Por mais que sejam muito semelhantes, alocando o corpo da celebridade ao lado de uma “fala” a ela atribuída, as notícias falsas das figuras 1 e 2 investem em posições muito distintas a partir das redes de sentido em que são tomadas Sandy, de um lado, e Anitta,

de outro. É o que Pêcheux (1995, p. 169) explica sobre as *formações discursivas*, que operam como representação discursiva das formações ideológicas, formando-se através da repetição (paráfrase), indicando que “[a] produção de sentido é estritamente indissociável da relação de paráfrase entre sequências tais que a família parafrástica destas sequências constitui o que se poderia chamar ‘matriz do sentido’”. Querer enviar Anitta para fora do Brasil, como se ela não pudesse significar dentro da FDB (que Mariani (1996) apontava já em 1920), apenas re-afirma que “o próprio de toda FD é dissimular, na transparência do sentido que aí se forma [...] o fato de que algo ‘fala’ sempre, antes, fora, ou independentemente” (PÊCHEUX, 1995, p. 162). Porém, se, até certo ponto, os sentidos são retomados, a partir de um limite, que é o limite da formação discursiva, esses sentidos deslizam e passam a significar diferentemente.

Figura 2 - Notícia falsa sobre a cantora Anitta



Fonte: Fabiano Costa (2018).

Mais uma vez, atribui-se à cantora um posicionamento que ela não expressou, encenando sua fala, como se reproduzisse o “discurso *de*”, quando de fato está produzindo um “discurso *sobre*”. Porém, como nesse caso rejeita-se a posição de Anitta, a opção é mandá-la para fora do país: “me mudarei para Espanha”. O sentido de “exílio” (político) é explorado como forma de (não) lidar com os posicionamentos não favoráveis, insistindo em discursos de ódio e de repressão. Além do mais, é um exílio “para sempre”, vinculando “Brasil” e “B17”

por laços de constituição mútua (“só existe *Brasil* com B17”), corroborando com o efeito de permanência e continuidade. Para a notícia falsa, é importante destituir a pessoa “alvo” de credibilidade, para poder atingir negativamente sua reputação. Eis o efeito de sentido que se destaca: o de difamação.

Vale a pena considerar a formulação verbal (“se #B17 ganhar, me mudarei para a Espanha”) na sua remissão ao *interdiscurso*, convocando uma memória ligada ao lema “Brasil, ame-o ou deixe-o” que, nas condições de produção da ditadura de Médici, produzira um sentido de conter a crítica ao sistema: que permanecessem no Brasil os que apoiavam o regime militar; que saíssem os que se opunham. Nesse sentido, a posição assumida por Anitta de “deixar o país” afirma a posição sujeito-não patriota da cantora (aquela que deixa seu país, o rejeita) na dicotomia com a posição sujeito-patriota (que não deixa seu país e o ama). Nesse caso, o efeito de denegrir a imagem da cantora faz operar a lógica disjuntiva entre “os que são a favor do Brasil e devem aqui permanecer” e “os que são contra e querem deixá-lo”, remetendo-nos a um social conflituoso e reiterando o antagonismo estruturante das relações sociais.

Como forma de evidenciar a discursividade digital, o texto é encerrado com três “emojis bravos”, supostamente expressando os sentimentos de indignação de Anitta, que, cedendo à ira, cairia na irracionalidade. Amparados por Dias (2018), entendemos que a discursividade digital vai além da tela, porque não está limitada somente ao funcionamento por meio de tecnologias digitais, mas tem a ver com a maneira com que o digital significa a relação do sujeito com os sentidos. Daí o emprego dos “emojis” ser significativo, porque representa uma relação com o próprio corpo da cantora a partir de um enunciado impensável fora da discursividade digital.

Mobiliza-se também o número do, à época, candidato em forma de *hashtag* (#B17), intensificando a convocação dos eleitores e “facilitando” sua decisão de mostrarem-se contrários a Anitta. Sobre o funcionamento das *hashtags* no discurso político cotidiano, Silveira (2015, p. 72) traz importantes contribuições, enfatizando que a *hashtag* “mostra bem a relação entre a língua e a ideologia” e indica “a existência de uma estrutura que relaciona de modo

complexo arquivo e memória discursiva” (SILVEIRA, 2015, p. 69), uma vez que as *hashtags* “em seus diversos processos de formulação/circulação sofrem a determinação histórica e ideológica advindas de nossa sociedade tecnocrática” (SILVEIRA, 2015, p. 94).

Trazemos uma notícia falsa “tarjada” como “*FAKE*” para exemplificar também o movimento da Rede indo contra a disseminação de notícias falsas. Essa constatação é positiva, pois indica a possibilidade de resistir ao movimento (por vezes sistemático) de desinformação engendrado pelas *fake news*, inclusive por parte das grandes empresas que fazem parte da Rede (a internet, de modo geral), como o *Google*, capaz de interromper uma cadeia discursiva ao romper com o processo de “livre circulação da desinformação”. Para a AD, como afirma Dias (2018), o digital é também possibilidade da prática política da resistência, porque, ao passo que cria novas formas de controle, fomenta também novas práticas de denúncia, “em imagens tridimensionais na luta pela liberdade” (DIAS, 2018, p. 118). Deixamos em suspenso a questão de até que ponto essa “contenção” administrativa e institucional pode trazer impactos repressivos sobre as práticas discursivas online.

Em seguida, na figura 3, temos uma última notícia falsa, a respeito da cantora Pablllo Vittar, que também, como Anitta na anterior, teria declarado seu desejo de sair do país caso Bolsonaro fosse eleito. Dessa vez, porém, trazemos uma notícia a partir de um recorte diferente: não mais das redes sociais virtuais, mas do site de notícias *Blasting News*.

Figura 3 - Notícia falsa sobre a cantora Pablllo Vittar

NEWS & VIDEO | Blasting News Brasil > TV & Famosos

Pablllo Vittar ameaça deixar o Brasil caso Bolsonaro seja eleito em 2018

VIDEO



Apesar de faltar mais de um ano, a eleição presidencial de 2018 já está gerando grande repercussão.

Fonte: Lucas de Souza Martins (2017).

Em uma tradução livre, *blasting news* poderia ser convertido em “notícias bombásticas”. O efeito-novidade é chave para entendermos o funcionamento do digital e, em certos aspectos, das *fake news*. Para Nunes (2012), o efeito-leitor de informação na sociedade atual é afetado pelo discurso da “velocidade” e da “quantidade” (quanto mais rápido, melhor), de forma que a rapidez na produção de informação demanda mais rapidez na leitura e vice-versa. Nesse cenário, aquele que não está a par das “novidades” (do lado do excesso) está em falta e é convocado a informar-se, de tal modo que as novidades se tornam *necessidades*. As “blasting news” são as notícias do agora; tão agora que não houve checagem das informações. Pela necessidade de ser sempre o primeiro em publicar notícias, muitos sites (e os leitores deles) estão à mercê do discurso da novidade digital, sempre na iminência do “atualizar”, o que basicamente sintetiza os modos de circular das *fake news*.

O próprio *site* já informa que a declaração de Pablllo “*teria*” sido feita via *Twitter*: o futuro do pretérito vem atestar a indecisão e a fragilidade da formulação. Talvez, com um pouco mais de tempo e um pouco mais de pesquisa, *teriam* encontrado que o tal “pronunciamento via *Twitter*” não passava de uma notícia falsa. A (triste) ironia da notícia falsa que divulga uma notícia falsa de outrem.

O mesmo dizer da notícia falsa sobre/com Anitta é trabalhado aqui, sob o efeito de evidência com a retomada de um sentido estabilizado de “artista que se exila do país”. O que funciona tanto aqui, como nas notícias falsas anteriores, é uma tentativa de captação do leitor, “iscando-o” nas redes de sentido que constituem sua própria formação discursiva. Nessa perspectiva, para alguém que se posiciona contra Pablllo Vittar, por aquilo que ela/ele representa, fica o apelo a aceitar (automaticamente) aqueles sentidos como verdadeiros. A saída dela do país seria vista como algo a se desejar e funciona como um argumento em prol de Bolsonaro, intensificando um sentido de que, se você é contra Pablllo, a *drag queen*, você deve estar a favor do político mencionado.

Resulta disso que o corpo (drag, gay, efeminado), que é negado, é (inversamente) afirmado em sua existência “indesejada”. Negado porque é

indesejado, porque representa o “impossível” para um grupo de direita conservador, eleitorado principal de Bolsonaro naquele momento. A negação expõe o enunciado à contradição porque, para negar, é preciso asseverar. Como formulado por Pêcheux (1990, p. 55), a “insistência do outro” no discurso do *eu* é incontornável.

Sendo assim, vemos que a *difamação* é o efeito de sentido mais recorrente nas *fake news* analisadas, como uma regularidade no funcionamento das *fake news*, o que reforça uma “personalização” nas discussões levantadas pelas notícias falsas, atingindo sentimentos “à flor da pele”. É importante que essas notícias falsas tenham um “alvo” bem discernível (Sandy, Anitta, Pablio Vittar), destacando a presença do corpo, porque isso reforça um ideal de certeza, de veracidade, ao passo que atinge objetivos de calúnia e de (des)organização popular com mais precisão.

É nesse ponto que amarramos essas três notícias falsas e trazemos para a discussão as contribuições de Lagazzi (2015) em torno das *paráfrases visuais*, a partir de *cenar prototípicas*. Segundo a autora, a paráfrase discursiva não deve ser tomada somente do ponto de vista linguístico, mas também pela interferência constitutiva do social e do histórico, para que possa ressoar em diferentes formações discursivas. Ainda em Pêcheux (1995, p. 169) encontramos os indicativos da relevância dos processos parafrásticos para a compreensão dos efeitos de sentido na Análise do Discurso, argumentando que a paráfrase é a “matriz do sentido”. Nas palavras do autor, a paráfrase dá a ver o “efeito metafórico”, a partir do qual “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, deslocar para [...] pontos de deriva possíveis oferecendo lugar à interpretação” (PÊCHEUX, 1990, p. 53), isto é, a paráfrase está também na base da deriva do sentido.

O que Lagazzi (2015) vai desenvolver a partir disso é o funcionamento parafrástico em outras materialidades significantes, como a imagem. No entendimento da autora, há também na imagem, pelo trabalho do discurso sobre os sentidos, a possibilidade de analisar a tensão entre repetir/deslocar, de maneira que “a ancoragem semântica se mantém na variação da superfície do

texto e que, mesmo quando duas sequências não apresentam mais nenhum termo em comum, elas podem guardar uma equivalência semântica” (LAGAZZI, 2015, p. 180).

Assim, é interessante nos perguntar: como o social é textualizado em “cenas prototípicas” (cenas já-vistas) nas *fake news* em relações dicotômicas e disjuntivas? (LAGAZZI, 2015, p. 177). As *fake news*, no que concerne às paráfrases visuais, reforçam antagonismos entre bem e mal, amor e desprezo ao Brasil, santa e devassa, negando as equivocidades próprias do discurso. O que temos como efeito das *fake news* é a exacerbação de um social dividido entre “nós” e “eles”. As imagens dos corpos atualizam certas regiões do interdiscurso, em que a presença dos diferentes corpos surge como possibilidade de localizar os indivíduos (sujeitos individuados pelo Estado), para, em seguida, separá-los, dividi-los.

Nas três *fake news* sobre Sandy, Anitta e Pablllo, as fotografias (como parte do funcionamento do fotojornalismo e constitutivas do espaço de textualização da notícia falsa) possibilitaram-nos tomá-las como “cenas prototípicas da figura pública noticiada”. Vale destacar que tais cenas funcionam como “exemplares, concentrando o já-visto” (LAGAZZI, 2015, p. 187) e formulam visualmente o rosto do “artista” que contempla, de modo meigo, o leitor, no caso de Sandy, ou contesta a vitória de um presidente com tom de deboche, no caso de Anitta, ou “provoca” os conservadores, no caso de Pablllo. Há sentidos em opacidade para tal formulação visual da figura pública de modo que uma fotografia pode tanto reiterar sentidos que ligam o artista a uma imagem positiva quanto produzir um efeito-difamação de uma figura conhecida, na tensão verdade/não-verdade. Temos, assim, “verdade” e “não-verdade” marcando uma divisão de sentidos no que se refere ao corpo/imagem do artista como parte estruturante do funcionamento dessas notícias falsas.

Compreendendo a cena prototípica como “cena domesticadora da interpretação”, vale dizer que as formulações visuais dos corpos (nesse caso um *close-up* nos rostos das artistas) faz ressoar uma memória ligada ao

fotojornalismo na qual a “imagem” atrelada a uma reportagem ou notícia emerge como “material que vale mais que mil palavras” ou “comprovação do fato”.

Contudo, a imagem/foto frontal das artistas nas *fake news* como “cena” típica da notícia fica significada como um texto “fora de lugar”, justamente porque a memória legitimada da imagem no fotojornalismo como “atestado da verdade” opera em contradição com uma “imagem” que, nas *fake news*, simula a verdade, ou seja, uma foto que é textualizada na/com a notícia, mas que não deveria estar ali, pois é “fake” ou não representa o momento atual (a imagem da Sandy, por exemplo, era antiga, ou, ainda, a foto de Anitta se referia a outro contexto).

Ainda em termos de paráfrase, o imaginário de mulher, ou melhor, o imaginário de “feminino” (incluindo aí a arte *drag queen*) que as notícias retomam são dicotômicos e, nesse viés, excludentes: ou santa ou puta (!). Tal constatação faz ainda mais sentido se retomarmos Silva (1995), segundo quem o lugar da sexualidade da mulher foi e continua sendo um espaço de tabus e de estereótipos, como forma de um “recalque histórico” – um esquecimento também no discurso, acrescentaríamos. A memória (dual) de mulher sendo mobilizada não permite relações/interferências, permanecendo no nível da disjunção: *ou* santa, *ou* puta. Nas *fake news* sob análise, o “feminino” é atualizado por meio dessa divisão, uma separação que ignora a constituição heterogênea da subjetividade.

Avançando em nossas considerações, chamamos a atenção para que os distintos modos com que o olhar é textualizado em cada imagem também importa, na medida em que as formulações deslizam de um olhar sereno de Sandy, para um olhar desafiador de Anitta e uma expressão provocadora de Pablo (reforçada pela maquiagem forte, os cílios proeminentes e as sobrancelhas arqueadas). Faz-se presente a contradição do olhar, ora produtor de intimidade, ora ameaçador e desafiante, “pontos de derivas possíveis, oferecendo lugar à interpretação” (PÊCHEUX, 1990, p. 53). Essa constatação vai ao encontro do que escreve Lagazzi (2010, p. 181), entendendo o papel do equívoco como contradição constitutiva do discurso, em que “a imagem, na relação entre sua

materialidade significativa e a história, abre para a possibilidade de deslocamento porque expõe o sujeito aos sentidos, abrindo para diferentes processos de identificação”.

Na AD, a contradição resulta do contato entre diferentes formações discursivas, pois suas “bordas”, de margens difusas, convocam sempre o sentido da outra, da alteridade constitutiva. O mesmo sentido e também o diferente. Neste caso, o contraditório não é pensado em questão como acidente a ser resolvido. Ao contrário, na linha do pensamento de Orlandi (2007), a contradição, sendo *constitutiva*, é uma relação de forças e não de meras oposições divergentes, de modo que o Mesmo constitui e é constituído pelo Diferente. Isso é retomado por Lagazzi (2008, p. 2), argumentando que “trabalhar a contradição é levar às conseqüências o fato de o social não ser um objeto sujeito a soluções, mas um espaço político tenso, de constante movimento de sentidos”.

Quando analisamos as três notícias falsas (fig. 1, 2 e 3), propomos um movimento de interpretação que trabalhe sobre as formulações visuais, em que a paráfrase atualiza os deslocamentos de sentido, entre redes de memória, de “santa” (Sandy) à “puta” (Anitta, Pablo), efeitos que não consideram a heterogeneidade das posições assumidas socialmente. O que as remissões parafrásticas vêm demonstrar é a discrepância das relações de sentido e o seu vínculo constitutivo com as determinações sócio-histórico-ideológicas e, acrescentamos, emocionais, “definindo limites de sentidos e dando visibilidade ao processo discursivo por meio de regularidades que vão localizando recortes na memória do dizer, especificando as formações discursivas e as posições de sujeito em jogo” (LAGAZZI, 2015, p. 181).

Desse modo, acreditamos que seja relevante considerar que se tratam de imagens de corpos femininos (mesmo o da *drag queen*, que significa *pelo* feminino, em amálgama com o masculino), grupo (mulheres e LGBTQs) alvo de falas preconceituosas por parte de Bolsonaro antes, durante e depois de sua campanha eleitoral. São esses corpos que são tomados pelas *fake news* para incorporar a campanha espontânea do eleitorado em favor de Bolsonaro. As imagens desses corpos funcionam na/pela contradição com outras

materialidades, apontando para a oscilação entre a falta e o excesso, o que (des)organiza sentidos sobre o que significa se posicionar como mulher ou *drag queen* que participa na vida política da sociedade.

Com essa análise, vislumbramos o funcionamento da tensão entre paráfrase e polissemia de que nos fala Orlandi (1999), a partir do que os sentidos, pela repetição, podem descolar-se de uma rede para significar por outra filiação. Esse movimento (deslocamento do sentido) aponta para a relação do mesmo com o diferente; do possível com o impossível (nem tão impossível assim!): “o Outro (e os outros) é o limite mas também é o possível” (ORLANDI, 2007, p. 79). Nas notícias falsas recuperadas aqui, tenta-se barrar o diferente no momento mesmo em que ele aflora. Mesmo assim, a diferença desponta no fio intradiscursivo apoiando-se em uma região do interdiscurso, como sentido já-lá, que aparece como “natural”, inquestionável: “nós” e “eles” não podemos conviver juntos, no mesmo território. O exílio seria a forma de *não* lidar com a diferença constitutiva.

O corpo é tomado em seu valor simbólico; não apenas “mostrado”, mas, sobretudo, “falado”, discursivizado, uma “discursivização que fala da equivocidade das formulações visuais do corpo se desdobrando em diferentes imagens do sujeito, fala da tensão contraditória entre o sujeito e as condições que o boicotam no social” (LAGAZZI, 2013, p. 110). A certos corpos é dada a possibilidade de habitar um território; a outros, não. O que resulta disso é a *impossibilidade* de todos viverem no mesmo espaço (político). Nessas (im)possibilidades, o simbólico e o político são amarrados por laços equívocos, em direções contrárias, mas que, ao final, constituem-se mutuamente.

Concluindo

Fechar a organização de um texto, colocando um ponto final imaginário, é sempre um desafio à ordem do discurso. Sabemos que o discurso não se encerra aqui. No decorrer das análises, uma questão leva a outra, antes mesmo de uma “conclusão”, o que nos parece produtivo, porque mantém a ciência em

permanente movimento. Propomos, então, um breve retorno ao percurso analítico trilhado neste texto.

Centrando nosso olhar sobre as maneiras com que as notícias falsas significam os corpos das celebridades, na relação com o fotojornalismo que faz operar a lógica disjuntiva entre verdade e não-verdade, foi possível compreendermos como os efeitos de sentidos de difamação vêm configurar um confronto entre o possível e o impossível de uma dada formação discursiva, confronto este tomado em sua evidência e transparência. Articulando inter e intradiscurso, desfazendo tal efeito de evidência, por meio do exercício parafrástico, apostamos em regularidades das composições visuais e linguísticas e demos atenção aos modos com que o social é materializado em sua divisão na luta contraditória pelos sentidos em movimento na história.

Entendendo as *fake news* em um funcionamento determinado pela circulação em rede e afetado pela relação do simbólico com o político, chegamos à conclusão de que, ao mobilizar o corpo de Sandy, Anitta e Pablllo, as *fake news* corporificam uma forma de a memória i(nte)rromper (n)o dizer, imprimindo ali suas marcas. Entre elas, a presença do corpo, que, através de traços composicionais, a partir dos quais tentamos estabelecer remissões parafrásticas, foi significando diferentemente conforme a referência a uma ou outra formação discursiva, ora exaltada positivamente (como no caso de Sandy), ora rejeitada negativamente (como nos casos de Anitta e Pablllo Vittar).

Em nossa leitura, essas *fake news* jogam com o caráter público das personalidades midiáticas a partir de pré-construídos a respeito delas, favorecendo-as ou difamando-as conforme os interesses de cada notícia falsa, dando contorno à manifestação dos sentimentos. Revirando o *sentido*, chega-se ao que é *sentido* pelo sujeito, movimentando-se no “vão” dos sentidos e da história. Essa constatação se mostra produtiva ao empreendimento analítico da AD, pois viabiliza a relação entre língua e história no jogo equívoco das formulações, sinalizando que “a evidência de um sentido pode ser relativizada e [que] o analista pode dar consequência ao movimento da interpretação” (LAGAZZI, 2015, p. 178).

Referências

BIZERRA, Helen. Sandy apoia Bolsonaro e diz que concorda com o candidato do PSL #boato. *Boatos.org*, Brasília, DF, 26 set. 2018. Entretenimento. Disponível em: www.boatos.org/entretenimento/sandy-apoia-bolsonaro-boato.html. Acesso em: 20 jul. 2019.

COSTA, Fabiano. É #fake que Anitta disse que se mudaria para a Espanha se Bolsonaro ganhar a eleição. *Agência O Globo*, Rio de Janeiro, RJ, 19 out. 2018. Fato ou Fake. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/fato-ou-fake/e-fake-que-anitta-disse-que-se-mudaria-para-espanha-se-bolsonaro-ganhar-eleicao-23171109>. Acesso em: 19 jul. 2019.

DIAS, Cristiane. *Análise do discurso digital: sujeito, espaço, memória e arquivo*. Campinas: Pontes, 2018.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. O corpo como materialidade discursiva. *Redisco*, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 77-82, 2013.

LACERDA, Gustavo Haiden; DI RAIMO, Luciana Cristina Dias. O jornalismo na era digital e as *fake news*. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, RJ, v. 30, n. 59, p. 133-146, 2019.

LAGAZZI, Suzy. *A equivocidade na imbricação de diferentes materialidades significantes*. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 23., 2008, Goiânia, GO. *Resumo expandido* [...]. Goiânia: ANPOLL, 2008. p. 1-3. Disponível em <http://dml.fflch.usp.br/sites/dml.fflch.usp.br/files/Suzy%20Lagazzi.pdf>. Acesso em 17 jul. 2019.

LAGAZZI, Suzy. A imagem do corpo no foco da metáfora e da metonímia. *Redisco*, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, p. 104-110, 2013.

LAGAZZI, Suzy. Linha de passe: a materialidade significativa em análise. *Rua*, Campinas, SP, n. 16, 2010, p. 172-182.

LAGAZZI, Suzy. Paráfrases da imagem e cenas prototípicas: em torno da memória e do equívoco. In: FLORES, Gabriela; NECKEL, Nádia; GALLO, Solange (org.). *Análise de discurso em rede: cultura e mídia*. Campinas: Pontes, v. 1, p. 177-189, 2015.

MARIANI, Bethania Sampaio. *O comunismo imaginário: práticas discursivas da imprensa sobre o PCB (1922-1989)*. 1996. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1996.

MARTINS, Lucas de Souza. Pablio Vittar ameaça deixar o Brasil caso Bolsonaro seja eleito em 2018. *Blasting News*, Lugano, Suíça, 21 set. 2017. *Blasting News*

Brasil, TV & Famosos. Disponível em: <https://br.blastingnews.com/tv-famosos/2017/09/pablo-vittar-ameca-deixar-o-brasil-caso-bolsonaro-seja-eleito-em-2018-002028745.html>. Acesso em: 20 jul. 2019.

NUNES, Silvia Regina. *A geometrização do dizer no discurso do infográfico*. 2012. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. 6. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 1995.

SILVA, Maria Escolástica da. *O gozo feminino*. São Paulo: Ed. Iluminuras, 1995.

SILVEIRA, Juliana. *Rumor(es) e humor(es) na circulação de hashtags do discurso político ordinário no Twitter*. 2015. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2015.